REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 865

10 DE JANEIRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. MARIA II, PRIMEIRA RAINHA CONSTITUCIONAL

(Gravura de Diogo Netto)

CHRONICA OCCIDENTAL

Que esperanças traz sempre a todos um anno novo! Parece que a volta nova do mundo em torno do sol ha de a todos ser propicia, muito mais que quantas já andou, desde que elle é mundo e o sol é sol, e todas tão eguaes em seus effeitos na felicidade dos homens como na mathematica a que as sujeitaram.

Triste começou elle para muitos, triste para quantos lamentaram a morte d'esse excellente rapaz, alma e coração de artista, que se chamou João Galhardo, pintor de incontestavel talento, quanta vez demonstrado, até entre desequilibrios em muitos de seus quadros, na frescura viva de certas paizagens, na melancolia d'outras, e até em certos pormenores d'alguns retratos de notavel parecença.

Era um exaltado, mas purissimos eram seus ideaes; muito novo ainda, faltava-lhe aquelle assento na vida, aquella sciencia de explorar com que muitos substituem o verdadeiro talento no caminho em que attingem seus fins; mas João Galhardo era um bom; quantos o conheceram e agora o recordam saudosamente o affirmam. Era essa uma de suas excellentes qualidades e, se o prejudicou em sua vida, nenhum prejuizo lhe trouxe á sua arte.

Acompanhou o um velho, quasi no mesmo dia á sepultura: Cesar de Lacerda, auctor de tantas peças, que tiveram na sua época dos maiores exitos que houve em theatros portuguezes. Muitas foram popularissimas, sobretudo os seus dramas maritimos que attingiram um numero de representações raras vezes egualado.

Cesar de Lacerda, que fôra official de marinha abandonou a carreira para entrar no theatro, onde, todavia a sua fama de artista dramatico não egualou a que veio a alcançar como dramaturgo.

Tendo casado com a sr.ª D. Carolina Falco, actualmente societaria de 1.ª classe no theatro de D. Maria, era pae do nosso distincto collega nas letras e nosso amigo, Augusto de Lacerda.

O anno novo nem para todos se mostrou amoravel. Digam-o os Condes de Cascaes, que n'elle entraram feridos pela mais angustiosa dôr, tendo recebido a nova da morte de seu filho mais velho, D. Vasco Telles da Gama, fallecido na ilha de S. Thomé, aonde o levára seu genio, herdado honrosamente, que o não deixava socegar em Lisboa, na vida monotona e pouco gloriosa de filho familia. Altamente sympathico, estimado de quantos o conheciam, adorado pelos seus, todos deixou no cumprimento do alto dever de trabalhar, a que não julgou dever eximir-se, mau grado seu grande nome. Pagou com a vida o sacrificio, com a vida que nem por muito curta, deixou de ser muito honrosa.

Para maior tristeza, o inverno, que nos deixára socegados mais do que o seu costume, apresentou-se, ha dias, com todo seu cortejo de chuvas e temporaes, acompanhando os primeiros trabalhos das camaras.

Mas, ainda na politica, foi a morte d'um grande vulto do paiz visinho que mais foi assumpto de conversações e para longos artigos em jornaes de todos os partidos em Hespanha e Portugal.

O velho Sagasta, agora fallecido, um dos mais conhecidos nomes de toda a politica hespanhola, onde, ha muito, por seu poderoso talento e sympathias que inspirava, ora encarregado de presidir differentes gabinetes, ora emigrando apoz differentes episodios da historia revoltosa dos ultimos annos, era dos vultos proeminentes.

D. Mateo Sagasta era bastante velho; só Montero Rios e Vega de Armijo teem a mesma idade do fallecido.

As camaras portuguezas, como sempre nos primeiros dias depois da sua abertura, pouco teem dado que falar e mais do que á politica teem dado sua attenção os frequentadores d'aquelle genero de espectaculos ao trabalho artistico de Ventura Terra, architecto que delineou a nova sala de sessões dos deputados.

Falta muito para completar a decoração essencial, para que a sala produza o indispensavel effeito.

Tem estado em Lisboa o esculptor Teixeira Lopes, auctor da estatua de El rei D. Carlos, que deve ser um dos principaes complementos da obra de Ventura Terra.

Escrever este nome, Teixeira Lopes, é recordar o que temos de melhor em arte portugueza, é dizer que Portugal continúa produzindo extraordinarios artistas, é falar d'uma de nossas maiores glorias.

Ainda de arte, felizmente, podemos dizer d'esta vez mais duas palavras, referindo-nos aos concertos da grande orchestra dirigida pelo maestro Colonne e que se realisaram no theatro *D. Amelia*.

Foi ainda ao Visconde de S. Luiz que Lisboa deveu essas duas manhãs e mais uma noite de espectaculos verdadeiramente artisticos.

Colonne pelo seu nome attrahiu bastante concorrencia, sem que fosse necessario que a trombeta do reclamo andasse, como as do antigo bando dos toiros, a escangalhar ouvidos por essas esquinas.

Tendo recebido o habito de S. Thiago das mãos de El-rei, sr. D. Luiz, quando ha muitos annos esteve no Colyseu, foi agora pelo sr. D. Carlos elevado a official da mesma ordem.

Não precisava Colonne de reclamos, que tem dos mais decantados nomes entre os afamados musicos de Paris; não seria para elle preciso que Marcos Maria Fernandes se erguesse do tumulo com mais uma idéa nova a favor do grande artista.

O marido da sr.ª D. Cecilia, que ha pouco falleceu, foi um dos primeiros que em Portugal annunciou até esfalfar-se, e obrigou todo o publico a conhecer-lhe o nome e a tesoira da esposa. Como isto do reclamo caminhou depois! Como nos pareceriam hoje innocentes os processos do sr. Marques! Que miseria de bombas, ao pé das girandolas novas!

Quem tiver um nome conhecido é principe! O homem que incendiou o templo de Diana para perpetuar o nome, se fizesse agora o tremendo disparate, havia de ver-se perseguido por todos os colleccionadores de bilhetes postaes, de meninas com albuns, de velhas ricas que haviam de querer casar com elle.

E' o que tem acontecido a toda a familia Humbert. De todos os cantos do mundo caem na prisão em que estão encerrados, milhares de bilhetes postaes de gente que deseja a assignatura d'elles, milhares de cartas de homens que querem casar com as meninas solteiras da familia, de meninas que o mesmo requerem dos homens disponiveis para o casamento.

Um bom escandalo é o que ha de melhor para celebrisar um nome.

E' ver as voltas que deram os repórters em Lisboa para saber fosse o que fosse d'aquella celebre americana, depois Princeza de Chimay, que deixou o marido por um hungaro rabequista e deu a conhecer pela photographia ao mundo inteiro as fórmas pormenorisadas do seu corpo.

Nem Herodoto, nem Tito Livio, nem Plutarcho são capazes de tornar mais celebres os heroes da antiguidade do que o fazem hoje a qualquer mulher do demi-monde as caixas de phosphoros de luxo.

Entretanto a princeza de Chimay já marchou muito para o lado da sombra, desde que uma princeza autentica, de sangue real, futura rainha, se lembrou de fugir de casa com o mestre dos seus meninos e anda na Suissa a dar audiencia a quantos reporters a procuram.

Triste coisa!... E só mais triste do que ella o irmão que a acolheu nos braços, que tambem quiz ser um homem util para a sociedade, segundo affirma, e abalou de Austria em companhia d'uma actriz.

E' dos mais retumbantes escandalos que se tenham dado em côrtes europeias, e não ha em tcda esta historia de paixão um só pormenor que atraia para os heroes uma sombra de sympathia. A Princeza abandonou os filhos para abalar com o sr. Giron e ora diz que elle é sua comitiva e não seu amante, ora o filho que lhe está para nascer quer negal-o ao principe seu esposo.

E' concluir d'ella o que Camillo Castello Branco diz da Ratazzi: — Uma trapalhona!

E o irmão peor do que ella.

João da Camara.

D. MARIA II

Quasi que viu a luz entre as ondas de sangue das revoluções essa princeza, que baixou á campa entre lagrimas de saudade.

Coração aberto a todos os sentimentos bons e caracter de mascula energia, ensinada a affrontar perigos na dura lição da vida, e a captar sympathias entre os bravos defensores da sua causa, dos breves trinta e quatro annos, com que o ponteiro do tempo marcou a sua existencia na terra, só os dois primeiros e os dois ultimos, a bem dizer, foram passados em calmaria e paz; pois que os restantes não são mais de que um tumultuar continuo, a embalar-lhe o berço infantil, a sobresaltar-lhe a gentilissima meninice, a ensombrar-lhe de pavores a mocidade florescente, a preoccupar-lhe a reflexão na plena edade das responsabilidades.

Envolvido o seu nome, desde verdes annos, na agitação das paixões politicas foi elle uma bandeira e um grito de guerra, um sorriso de esperança e o alvorecer de uma idea luminosa, a promessa ridente e a victoria salvadora para tantos bravos, que viam aberto diante de si o terrivel dilemma do cadafalso ou do exilio; e bem se comprehende quantos enthusiasmos despertaria, quantas dedicações e quantos heroismos saberia inspirar essa creança, coroada pelo duplo diadema da realeza e da desventura, essa rainha de sete annos, que aos dez, peregrinava na Europa, mendigando auxilio para a sua causa, e cujo disputado throno havia de consolidar-se a custo de muito sangue derramado, de muitas lagrimas vertidas, de muito lucto de viuvez e de orphandade, que se misturavam com as esplendidas galas, com os gritos calorosos do triumpho!

Corria o anno de 1819, quando, em 4 de abril, nascia, no Rio de Janeiro, a princeza D. Maria da Gloria, filha de um principe de pouco mais de vinte annos, que passára alegre e descuidoso a vida de rapaz e que os acontecimentos iam lançar de subito, com todas as suas qualidades e com todas as suas imperfeições, no torvelinho dos grandes dramas, desenrolados nos dois hemispherios.

Mal balbuciaria ainda essas primeiras palavras, que têm o seu quê de cantico de anjos e de gorgeio de aves, quando, em 1821, começava a accentuar-se a agitação separatista do Brasil, coroada de exito logo no anno immediato, em que o principe real foi proclamado imperador, com o nome de D. Pedro I, e em que se iniciou, áquem e além dos mares, o grande combate entre a idéa velha, que devia ser vencida pelo progresso, e a idéa nova, que surgia promettedora, mas vacilante, no horisonte das duas patrias onde se fala a lingua de Camões.

Precipitam-se os acontecimentos. A revolução de 1820 dera a Portugal uma constituição muito theorica e demasiado avançada para a época e para o estado do paiz. Regressando do Rio de Janeiro, a toda a pressa, D. João VI jurára essa constituição; mas logo, em 1823, depois de uma existencia ephemera, o movimento a cuja frente se poz o infante D. Miguel, a derrubou, restaurando-se o absolutismo, que vigorou, manso, embora agitado, até á morte do rei, cujo primogenito, acclamado por direito de successão, comprehendeu bem a dupla difficuldade de cingir simultaneamente as duas corôas, o que seria destruir a obra do patriotismo brasileiro de 1822, e de governar Portugal pelo systema absoluto, quando as aspirações eram pela liberdade, e quando o absolutismo no paiz tinha já um representante consagrado na pessoa do infante

D. Pedro IV, que não era um erudito, nem um experiente, que não aprendera nos livros, nem na lição dos homens, mas que era naturalmente dotado de raro bom-senso, resolveu os embaraços da conjunctura por modo a fazer honra ao politico de maior alcance de vistas; e se abdicando a corôa portugueza em sua filha, calmava as susceptibilidades da independencia brasileira, dando-a como noiva a seu irmão D. Miguel e outhorgando ao paiz a carta constitucional, procurava conciliar vontades e lisongear aspirações, dos liberaes, pela concessão de uma constituição, sem os sobresaltos por vezes revolucionarios de constituintes, dos absolutistas, pela certeza de que, em nome de sua mulher, reinaria de facto o principe, que elles haviam escolhido para chefe e que estava longe da minima suspeição de liberalismo.

O plano, tão bem concebido, falhou porém, porque a atmosphera lhe era adversa e porque a época não corria propicia para conciliações, antes se caracterisava por absoluta intransigencia.

Não eram dois homens, que estavam em frente um do outro, não era uma questão juridica de legitimidade de herança que se debatia, não era a ambição de um sceptro, disputado por dois principes, que estava em jogo. Isso tudo foi inventado para armar ao effeito entre as massas, para materialisar, por assim dizer, a causa e o motivo da propaganda. O que se defrontava, n'aquelle solemne momento historico, eram dois principios, duas idéas politicas, diametralmente oppostas e entre si irreconciliaveis. D. Pedro e D. Miguel eram a synthese da liberdade e do absolutismo, eram os caudilhos de duas causas contrarias, em que entravam em lucta grandes interesses, de parte a parte, e em que o receio dos effeitos da li-

berdade entrava como factor muito para ter em conta.

Effectivamente, os horrores, que macularam a revolução franceza, ainda estavam muito vivos na memoria dos reis e dos povos, e a Austria, que fôra a mais cruelmente ferida pelo supplicio de uma princeza sua, era naturalmente o centro de acção e de reacção contra todas as aspirações liberaes, que até na propria França se sentiam suffocadas pelo governo de Carlos X. A liberdade tremeluzia apenas em Inglaterra, e ainda assim, moderada pela influencia do ministerio tory, presidido pelo duque de Wellington; em todo o resto da Europa eram trevas espessas de absolutismo, onde haviam luzido apenas, como lampejos ephemeros, as revoluções de Cadiz, de Napoles e a nossa de 1820.

E nem é para admirar e muito menos para censurar este medo pela liberdade, quando entre os proprios liberaes, triumphante a causa, se fez sentir depois.

A carta constitucional veiu portanto um pouco fóra de tempo, e se a muitos deslumbrou como uma aurora radiosa, aos medrosos e egoistas aterrou como uma ameaça, e para a grande massa do povo, embrutecido por muitos annos de predominio do poder real e do clericalismo, passou incompreendida, mais julgada como um damno do que como um beneficio nacional, como o provam os cinco annos de tyrannia, soffrida pacientemente logo depois.

A idéa nova e generosa precisava do baptismo de sangue, e esse não faltou

D. Miguel, que, depois da revolta aberta contra seu pae, residira em Vienna e ahi tivera contacto com o sacerdote magno do absolutismo, o principe de Metternich, quebrou os seus juramentos de obediencia á carta e ao rei, seu irmão, rompeu o contracto nupcial com sua sobrinha, como que affirmando não se poderem enlaçar o absolutismo e a liberdade; e em 1828, quando a juvenil rainha, dizendo adeus á terra do seu berço, demandava a velha Europa, para em Vienna completar a sua educação, saia d'ahi o infante seu noivo, para lhe usurpar o throno; e se o conde de Barbacena não tem a feliz resolução de mudar de rumo e de ir depositar em Londres o sagrado penhor da idéa liberal, quem sabe como, no antro do absolutismo, ella seria recebida, e como de refens poderia ter servido para a victoria da causa contraria á que o seu destino symbolisava.

Ahi temos pois foragida, em terra estranha, a rainha de Portugal, começando a soffrer as amarguras do exilio e a revelar a sua precoce intelligencia, aos nove annos de edade, emquanto no throno portuguez se sentava aquelle que viera como regente em nome de D. Pedro IV e se fizera proclamar rei absoluto.

Era a fatalidade das coisas, porque era a lucta das idéas. Os homens desapparecem, para só ficarem os principios, que um e outro representavam; e não vamos longe de nos convencer que D. Pedro ostentava de mais liberal do que a sua indole lhe pedia, assim como D. Miguel representou de mais tyranno. Era o crédo politico, que impellia um e outro em sentidos divergentes, tendo o infante a má sorte de lhe caber o papel menos sympathico.

E lord Wellington sorria desdenhoso ás sollicitações da rainhasinha desthronada, e Carlos X estava a ponto de reconhecer o governo de D. Miguel; e a causa liberal, apesar da mallograda tentativa do Porto e dos esforços heroicos dos Açores, parecia completamente perdida; e a rainha, sem patria, regressava de novo ao Brasil, onde era já estrangeira, e o desalento alquebrára já o animo dos mais energicos e crentes, e os emigrados andavam dispersos por varios paizes, a comer o pão negro do exilio, sem figura de rhetorica, e a misturar na mesma dor os negrumes da miseria e os desalentos da perdida esperança, quando rebenta em Paris a revolução de julho, que abre caminho á monarchia liberal, e faz crear alma nova aos defensores da causa de D. Maria II.

Illuminam-se os horisontes, ha um arrebol de promessas e um crescer de felizes coincidencias por toda a parte. D. Pedro IV, que tivera enorme popularidade no Brasil, vê esmorecel-a de subito, e procurando readquiril-a, como a não encontrasse docil, resolve, n'um impeto de mau humor, abdicar aquella segunda corôa em seu filho, em 1821, partindo com a rainha de Portugal para a Europa, aonde vem encontrar o mais affectuoso acolhimento do governo francez, e onde prepara a expedição para reforçar os unicos defensores da causa, que se mantinham na ilha Terceira; em Londres, o ministerio tory cede logar a um ministerio wigh, e D. Miguel, em Portugal, procurando suffocar pelo terror a idéa de liberdade, descontenta a uns, afervora a resistencia no espirito de outros e faz mais proselytos para a causa liberal, especialmente entre a mocidade talentosa em que havia natural repugnancia para a idéa velha e condemnada, do que tinham feito e seriam capazes de fazer todos os apostolos e propugnadores do liberalismo.

Trava-se a grande lucta, porque o absolutismo tinha raizes fundas e vigorosas, especialmente na aristocracia, ciosa dos seus privilegios e dentro dos conventos, que inundavam o paiz; trava-se a grande lucta, ensopa-se esta boa terra portugueza de sangue portuguez; emfim chega o dia da victoria D. Maria II entra em Lisboa, por entre acclamações delirantes em 22 de setembro de 1833, e um anno depois a 24 do mesmo mez, morre D. Pedro IV, esmagado por desgostos e trabalhos; e a rainha, com dezeseis annos incompletos, senta-se no throno e começa a reinar de facto, depois de reconhecida a maioridade por deliberação das cortes.

Não foi de rosas, antes de espinhos, o sceptro, que em tão verdes annos empunhou, e sob a direcção do qual tinha de se realisar a ardua aprendizagem do systema parlamentar.

Já desde os trabalhos do exilio, dos perigos da lucta sangrenta e inexoravel, a familia liberal se havia scindido em dois grandes grupos: o dos conservadores e o dos progressistas, o dos que julgavam a carta como a ultima palavra e a maxima das concessões em franquias liberaes, e o dos que a tinham apenas como ponto de partida para novas e mais arrojadas conquistas e não a consideravam já como codigo que podesse satisfazer as aspirações mais avançadas.

A esta discrepancia doutrinaria vinha, de muita maneira, associar-se o fanatismo dos que tinham como idéas indissoluvelmente ligadas as de rainha e carta, e pois que pela carta e pela rainha haviam luctado e soffrido, nem uma nem outra queriam substituida ou desrespeitada; dos que julgavam como uma profanação tocar na dadiva do imperador, do seu chefe, do seu general, d'esse que, por muitos annos, teve o cognome de immortal; e finalmente dos que tremiam que de um movimento no sentido avançado se aproveitassem os miguelistas, ainda com força e com esperanças no paiz, e viessem a desthronar a sua menina, como elles carinhosamente chamavam á rainha.

Já se vê que, se a idéa progressista era sympathica, a conservadora era plenamente justificada e explicavel n'aquella época; mas, ainda assim, a revolução de setembro, triumphante em 1836, conseguiu, dois annos depois, promulgar nova constituição, que foi derribada por um ministro da corôa em 1842.

E' o caso que a rainha, entre as duas facções liberaes, tinha mais predilecções pela que defendia as idéas conservadoras. Estava isso no fundo da sua educação, no seu respeito filial, na sua indole voluntariosa e energica, e na funda convicção de que por este caminho servia melhor a causa da patria e até mesmo a da liberdade.

(Continua) *A. M. da Cunha Belem.*

A Santa Casa da Misericordia de Lisboa

Subsidios para a sua historia 1498-1898 — Instituição, vida historica estado presente e seu futuro por Victor Ribeiro — Typographia da Academia Real das Sciencias — Lisboa 1902.

Com uma dedicatoria deveras amavel para o nosso director artistico, sr. Caetano Alberto da Silva, temos sobre a nossa meza de trabalho este magnifico volume, um in-folio de 564 paginas, d'uma paciente investigação e d'um grande valor historico.

O trabalho é do incansavel publicista sr. Victor Ribeiro, commemorando o 4.º centenario da Instituição da Misericordia, d'onde é zeloso e distincto funccionario, e é consagrado ao extincto provedor sr. dr. Thomaz de Carvalho e aos srs. Julio de Castilho (visconde de Castilho), e Henrique de Gama Barros.

Teremos dado por certo uma completa idéa da importancia que elle tem no meio das investigações historicas dos nossos dias, transcrevendo aqui as seguintes palavras do sr. Julio de Castilho.

«Este livro enche a alma. Ha aqui muita investigação e muito methodo, muita dedicação e muito calor.

«Aprendi n'esta agradavel e suggestiva leitura muita coisa que ignorava.

«Honra a quem tal uso fez do seu tempo e da sua intelligencia. As origens d'esta fundação commovedora estão muito bem investigadas; e de tudo isto resaem luminosas as grandes figuras historicas de fr. Miguel de Contreiras e da Rainha D. Leonor.

«A transformação gradual da instituição primitiva, segundo as exigencias dos tempos, vem muito bem deduzida, desde as primeiras tentativas na *terra solta*, até á sopa de caridade.

«As antiguidades do antigo edificio manuelino até ás da actual egreja de S. Roque interessam a todos e namoram-me a mim em especial.

«Vejo em tudo não a pena de um bisonho, mas a mão experiente de um dedicado trabalhador.

«Muitos e muitos parabens. De tudo quanto se escreveu acerca da Misericordia é este o livro mais completo. E' indispensavel imprimil-o.»

Egualmente o sr. Henrique da Gama Barros, encarregado pela 2.ª classe da Academia Real das Sciencias de dar o parecer sobre a publicação do livro, se referiu a esta obra com as seguintes palavras de louvor:

«Compilando as noticias espalhadas em chronicas monasticas e em diversas obras antigas, examinando documentos ineditos existentes no archivo da Santa Casa e na Bibliotheca Nacional de Lisboa, aproveitando tambem nos escriptores modernos as indicações que podiam tornar mais completo o seu estudo, o sr. Ribeiro não só refere a vida historica e economica da Misericordia de Lisboa, como todas as vicissitudes porque tem passado, senão que patenteia com minuciosidade a maneira como ella se desempenha do cargo da sua instituição, exercendo a favor dos desvalidos a virtude mais nobre e mais pura entre todas as virtudes christãs.»

Como amostra do livro do sr. Victor Ribeiro damos em seguida o trecho que se refere á Capella de S. João Baptista, esse primor artistico que todos admiram e que é a inveja dos estrangeiros que visitam a egreja de S. Roque.

A Capella de S. João Baptista

(Extracto do cap. VIII do livro intitulado *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, recentemente publicado)

A capella de S. João Baptista (na egreja de S. Roque, de Lisboa), era primitivamente da invocação do Espirito Santo, feita por Bartholomeu Froes, escrivão da fazenda, e sua mulher Soeyra de Vasconcellos, paes do celebre escriptor portuguez Antonio de Vasconcellos, da Companhia de Jesus (1554-1622), latinista emerito, auctor de varias obras relativas a assumptos de historia portugueza, compostas em latim e impressas em Anturpia. Nasceu em Lisboa e morreu em Evora.[1]

No carneiro d'esta capella estão sepultados o instituidor Bartholomeu Froes, seu filho Sebastião Perestrello, e a mulher d'este, D. Luiza da Gama, irmã de Fernam Gomes da Gama.[2]

Um capricho do dadivoso monarcha D. João V, segundo conta o auctor do *Gabinete Historico*,[3] transformou esta capella na afamada capella de S. João Baptista, que, pela sua extraordinaria sumptuosidade e preciosidades artisticas que contém, constitue não só a mais rica curiosidade do templo de S. Roque, como tambem um dos monumentos de maior interesse da capital.

Encarregou o pio monarcha ao padre da Companhia de Jesus João Baptista Carbone[4] de re-

[1] Balthasar Telles e *Diccionario Popular*.

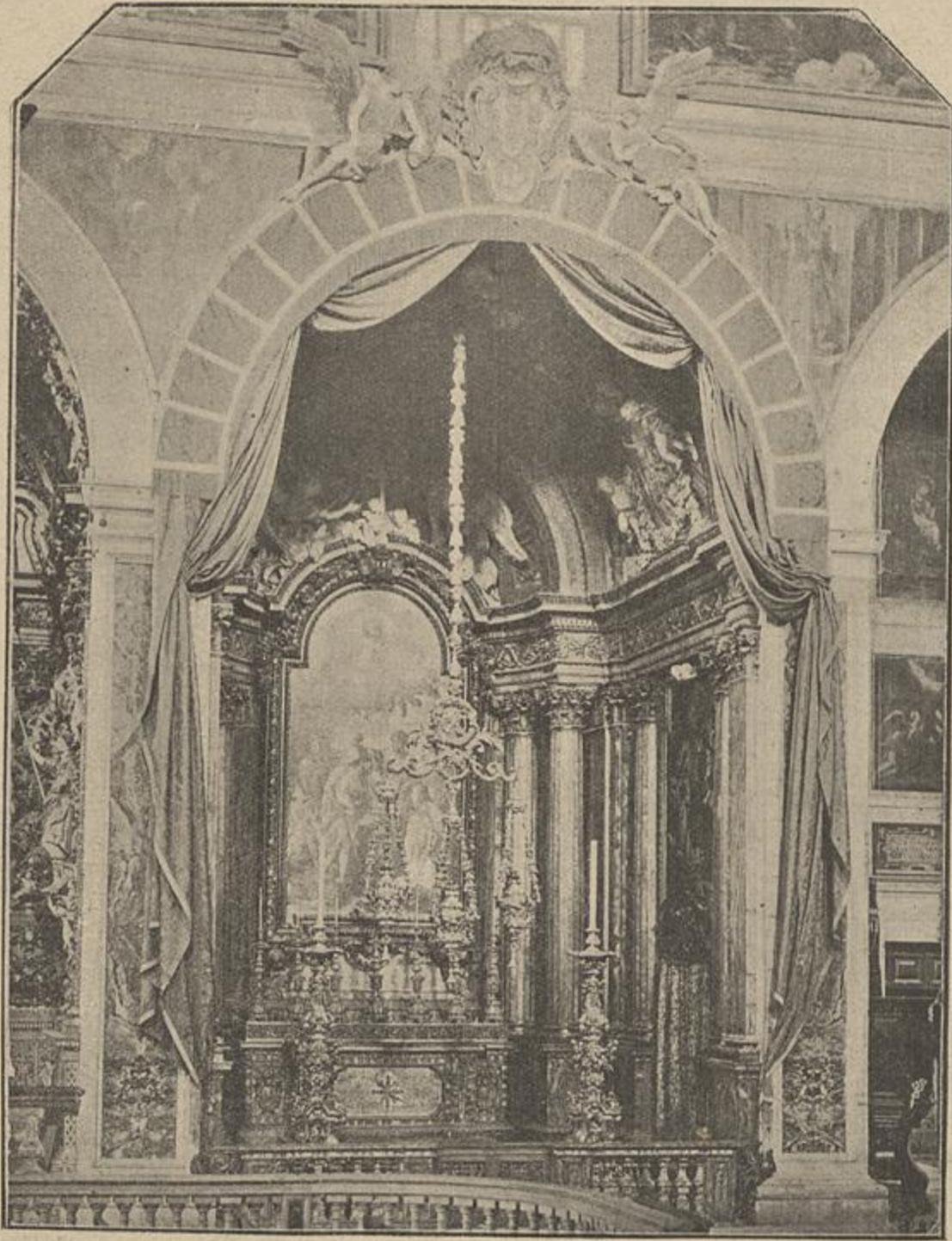
[2] Idem, *Chronica*, parte II, p. 124.

[3] Vol. XI, p. 38 a 42.

[4] Celebre mathematico e astronomo napolitano, que com o P.e Domingos Cappaci veiu para Portugal em 1722, a convite de D. João V, para aqui proceder a observações astronomicas, e fixando residencia aqui veiu a morrer. Exerciam os dois celebres jesuitas grande influencia na côrte. Adiante nós referiremos de novo a estes italianos.

metter, em 26 de outubro de 1742, para Roma, as medidas do vão, ao commendador Manuel Pereira de Sampayo, o qual encarregou do projecto os architectos italianos Niccolo Salvi e Luigi Vanvitelli.[1] Fizeram estes o projecto, desenhos e modelo, em harmonia com as minuciosas instrucções recebidas, acompanhando-os de pequenos paineis modelos pintados por Agostino Massucci. Agradaram o modelo, os desenhos e os paineis depois de eruditamente estudados e corrigidos. O modelo deu o rei ao architecto de Mafra, Ludovice, cujo neto o vendeu.

de S. Pedro e alli sagrada em 1744 pelo pontifice Benedicto XIV, foi depois desarmada e remettida para Lisboa, onde chegou em 1747, acompanhada de varios artistas que se encarregaram da sua reconstrucção, sob a direcção de D. Francisco Feliziani e Paolo Niccoli. Entre estes veiu o famoso esculptor Alessandro Giusti, romano (1755-1799), discipulo de Comer, o qual depois trabalhou em Mafra, e alli fundou a celebre eschola de esculptura, de onde sahiram distinctissimos esculptores, sendo entre elles o primeiro o celebre Joaquim Machado de Castro.[1] Os trabalhos de as-

bronze dourado; — o arco, construido de diasporo, marmore e alabastro, é encimado pelas armas reaes, ladeadas por dois anjos. Fecha a capella uma grade de verde antigo e alabastro, com cancellas e guarnições de bronze. O pavimento de porphyro roxo, tem ao centro um riquissimo mosaico, estylo romano, obra de Enrico Enuo, representando um tapete com florões e no meio a esphera armillar. O lambris da capella, degraus, altar, columnas corinthias, hombreiras e vergas das portas, abobada, tudo é formado de marmores de Italia de variegadas côres, taes como o jas-

A CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE

(Gravura extrahida do livro *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, por Victor Ribeiro)

Existe actualmente no *Museu Nacional de Belas Artes*, tendo sido artisticamente restaurado em 1882, pelo architecto (então conductor de obras) da Camara Municipal de Lisboa, sr. Alfredo de Ascensão Machado, para figurar na *Exposição da Arte Ornamental*.

Executada a obra em Roma, erigida na egreja

[1] Salvi era natural de Roma (1699-1771), discipulo e continuador do architecto Connevari, e dotado de uma esmeradissima e vasta educação scientifica. Vanvitelli, filho do Gaspar Vanvitelli, napolitano (1700-1773), foi primeiro pintor, e depois architecto dos mais celebres. Concluiu a ornamentação interior de S. Pedro de Roma, edificou muitas egrejas da Italia, o palacio de Caserta e o aqueducto. (*Diccionario Popular.*)

sentamento da nova capella duraram até 13 de janeiro de 1751, dia em que depois da morte do fundador (occorrida em 31 de julho de 1750) se exhibiu pela primeira vez ao publico.[2]

É formada toda de preciosos marmores e de

[1] Giusti cegou em 1773. Uma das suas estatuas mais notaveis é a de S. Pedro, no vestibulo da egreja das Necessidades. (*Diccionario Popular.*) Giusti era muito querido na côrte de D. José, e por isso patrocinado por ella foi a Paris, em 1778, acompanhado por seu cunhado, Ignacio Pecorario, com o fim de consultar as principaes notabilidades medicas, as quaes em conferencia de 21 de maio d'aquelle anno, declararam incuravel a cegueira, devida a paralysia dos nervos opticos. Regressou a Portugal pelo Havre, e viveu entre portuguezes até fevereiro de 1799 em que falleceu.

[2] *Mappa de Portugal*, tom. III, p. 266.

pe, o phorphydo, lapis-lazuli, verde antigo, jaldo, granito, etc., e tudo ornado de altos relevos, anjos e cherubins

Estas esculpturas e relevos são obra do cinzel de Giovannini, Cortadini, Werschappel, Bernardo Ludovice, Pietro del Estach, Marchionni e Corsini.[1]

Tem a capella tres paineis de mosaico feitos por Mattia Moretti, que levou a fazel-os de 1743 a 1752; o maior e principal é o do altar; representa o *Baptismo de Christo*. Os outros dois, collocados sobre as portas do transepto, representam: o do Evangelho *a descida do Espirito San-*

[1] Artigo do sr. dr. Sousa Viterbo, publicado nos *Serões*, — 901, n.º 4, p 209.

O FRONTAL DE PRATA DA CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA NA EGREJA DE S. ROQUE

(Gravura extrahida do livro *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, por Victor Ribeiro)

to, e o da Epistola a *Annunciação da Virgem*. Estes quadros são uma verdadeira maravilha e foram copiados dos originaes pintados em tela por Agostinho Massucci.

Na real capella da Ajuda ha, ou havia, entre outros, um painel da *Annunciação*, collocado em um dos altares collateraes do corpo da egreja. Este quadro, feito por Agostinho Massucci, discipulo de Carlos Maratta, [1] é um dos modelos mandados a D. João V para por elle se executar o quadro de mosaico da capella. [1] Outro modelo d'este mesmo quadro, tambem feito pelo mesmo Massucci, acha-se no Museu Nacional de Bellas Artes, Sala *C*, descripto no catalogo respectivo, sob n.º 139 pela seguinte fórma:

«Annunciação da Virgem. — A' esquerda, a Virgem de joelhos n'um genuflexorio; á direita o archanjo S. Gabriel annunciando-lhe a vinda do Salvador; na parte superior, o Padre Eterno e o symbolo do Espirito Santo em gloria de anjos. — Veiu do deposito dos extinctos conventos. Tela. Altura 2m,64; largura 1m,80.»

O outro quadro fronteiro representa o *Pentecoste*, ou *Vinda do Espirito Santo ao Cenaculo*, talvez por ter sido esta, como dissemos, a primeira invocação da capella. O pintor Massucci mandou tambem o modelo d'elle a el-rei. Foram estes modelos que serviram no acto da inauguração provisoria da capella No Museu Nacional existe um

[1] Nascido em Roma, 169.. Falleceu em 1758.

[1] *Jornal de Bellas Artes* ou *Mnémosine Lusitana* tom. 1, p. 17.

CAMINHO DE FERRO DE BENGUELLA — O LOBITO

quadro subordinado a este assumpto, pintado, segundo o catalogo, por Francesco Trevisani, o mestre do nosso famoso Vieira Lusitano (1656-1746). Vem descripto sob n.º 138:

«Pentecostes.—Ao centro, a Virgem sentada em plano elevado; á direita, S. Pedro e outro Apostolo; á esquerda, no primeiro plano, um livro com as chaves de S. Pedro; ao fundo, os outros apostolos; na parte superior, o symbolo do Espirito Santo e as linguas de fogo.—Veiu do deposito dos extinctos conventos. Tela. Altura 2m,00; largura 1m,75.»

Só em 1752 foram contractados em Roma Domenico Bassoni, mosaicista, e Giovanni Corsini, engenheiro machinista, para virem collocar no seu logar os dois quadros lateraes de mosaico e executar varias reparações no pavimento e retabulo da capella [1] cujas obras abrangeram, na sua totalidade um periodo de cerca de dez annos.

(Continúa) *Victor Ribeiro.*

AS NOSSAS GRAVURAS

CAMINHO DE FERRO DE BENGUELLA — O LOBITO

Agora que a concessão Robert Williams tanto tem dado que falar, tudo quanto se refere ao novo caminho de ferro é do maior interesse para nós.

A bahia do Lobito, porto natural formado mysteriosamente por uma lingua de areia que corre parallelamente á costa, forma um dos mais vastos e seguros ancoradouros de toda a Africa.

A abertura do porto é de mais de um kilometro com um fundo maximo superior a trinta metros. A bahia tem proximamente quatro kilometros de extensão por dois de largura, com fundo sufficiente para n'ella manobrarem á vontade os maiores navios.

E' na larga restinga de areia que será construida a estação terminus do novo caminho de ferro.

O Lobito fica a uns doze kilometros de Catumbella, povoação de largo futuro desde que um relativamente facil desvio das aguas venha irrigar os riquissimos terrenos que a cercam. Seu caudaloso rio na maxima estiagem tem de vasão vinte e um metros cubicos e meio por segundo.

Mais para o sul, a vinte e tres kilometros encontra-se a cidade de Benguella, d'onde a linha ferrea tomará a direcção do interior.

Os estudos já se acham feitos na extensão de cento e vinte kilometros pelo distincto engenheiro sr. Amavel Granger, tendo sido começados em 1896, pelo capitão de engenheiros sr. Costa Serrão, auxiliado pelo mesmo sr. Granger e sr. Cesar da Silva Azevedo.

A PRINCEZA DA SAXONIA

Foi a novidade escandalosa transmittida ao mundo inteiro pelo telegramma seguinte: «Está em Genebra, no hotel de Inglaterra, com seu irmão e o professor Giron, a princeza herdeira da Saxonia. A princeza abandonou seu marido e está loucamente apaixonada pelo professor Giron, preceptor de seus filhos. O archi-duque seu irmão, que a acompanha, devolveu todas as suas condecorações e abdicou dos seus direitos de membro da familia imperial. Acompanha-o tambem uma senhora linda, de quem elle está enamorado.»

O caso é vulgar: uma mulher que abandona o marido e foge com um amante; um homem que se apaixona por uma actriz e não quer saber de nada mais senão de seus amores.

O primeiro acto só confusamente se sabe; as declarações dos principes, segundo as differentes versões dos *reporters*, não o deixam perceber senão confusamente. O segundo acto é o que se vai desenvolvendo agora. Faltam o terceiro, quarto e quinto, que estão excitando muito a curiosidade.

A princeza de Saxe, casada com o principe herdeiro da Saxonia, é mãe d'uns poucos de filhos que abandonou, o que torna mais antipathico o seu procedimento. Seu marido, segundo se diz, não era amavel; não a desculpam as queixas que ella faz do grosseirão, ainda que todas sejam verdadeiras. O Principe da Saxonia é filho da Sr.ª Infanta de Portugal, D. Maria Anna, e todos sabem o que do marido d'esta senhora se disse, quando aqui veiu casar e levou sua esposa para Allemanha. A Sr.ª Infanta entretanto soube sempre proceder como o faz uma senhora bem educada.

A nora entendeu dever proceder por outra forma; ajudou-a no mão passo o irmão; tanto peor para elles.

[1] Citado artigo do sr. dr. Sousa Viterbo, nos *Serões*.

ORIGINAES E TRADUCÇÕES

Talvez seja ainda possivel respigar por todo o paiz meia duzia de associações, *pró arte*, que tomassem por lemma da sua empreza «*o homem não vive só de pão*»

A'parte estes reos confessos d'uma intellectualidade primitiva e candida, força é reconhecer que a quasi totalidade dos que influem nos destinos da arte d'esta nação, entendem, pelo contrario, que o paiz precisa de tudo, menos de ter uma arte sua propria, affirmada nas suas diversas elevadas manifestações.

O caso aggrava-se ainda pelo que toca á litteratura, chegando á crise aguda no que respeita á litteratura dramatica. Nunca houve tantos theatros portuguezes, e nunca houve menos theatro portuguez do que hoje.

Se e por esta saturação de estrangeirismo, se é por esta ausencia, quasi absoluta, de producção dramatica nossa, que nós affirmamos a occupação d'um logar na vanguarda dos que marcham na estrada do progresso, devemos todos bater as mãos de contentes.

Mas, se, pelo contrario, como ainda pretendem alguns atrazados pirronicos, uma nação que não possue litteratura e só traduz o theatro estrangeiro, que não sustenta e desenvolve um theatro seu, é paiz que não sabe vêr para se observar, que não tem vida pittoresca para peças de costumes, nem passado glorioso para trabalhos historicos, nem vida, nem interesses, nem paixões para dramas ou comedias de theses e estudos psychologicos, embora se divirta e vá muito ao theatro, festejar celebridades de importação, esbandalhando-se a rir com as peças duvidosas consagradas pelo publico cosmopolita dos theatros do *boulevard*, é um paiz que se vae sumindo e desapparecendo e perdendo o caracter nacional. Concordemos em que, quanto mais progredimos em tal caminho, mais deixamos de ser o que deveriamos affirmar antes e acima de tudo: a nossa individualidade nacional, o typo, a caracteristica portugueza.

* * *

Não se pretenda lançar ao publico, que applaude as peças estrangeiras e quasi invariavelmente condemna as nacionaes, a responsabilidade d'estes factos. O publico educa-se; o publico encaminha-se. Tambem havia publico nos tempos gloriosos de Garrett, de Mendes Leal e dos mais que souberam elevar um theatro nacional. O que não havia tanto n'esse tempo, era a influencia nefasta do mercantilismo em emprezas que exploram arte. O que não havia, era o *laisser faire, laisser passer*, dramatico, monstro bi-fronte, todo sem-blante risonho, facil e accommodaticio, quando se trata da *rigolade*, da peça escabrosa ou da peça inconcebivelmente excentrica, quando estrangeira, e de catadura feroz, e palmatoria erguida, para dizer de cadeira sobre as obras portuguezas, admittindo-as como pordemais, e depois de admittidas levando as para a scena, não como filhas, mas como enteadas.

A' bon entendeur, salut...

Considere-se um pouco a historia do nosso theatro odierno. Tomemos o primeiro dos nossos actuaes dramaturgos, Marcellino Mesquita, e vejamos que luctas, que embaraços, que difficuldades teve de vencer, para conseguir que o seu enorme talento chegasse a occupar no theatro portuguez o logar a que tem direito.

Todos sabem como foi repellida a sua primeira e um das suas melhores peças, a «*Leonor Telles*.» Se a sua tenacidade de forte e a dedicação intelligente dos seus condiscipulos da escola medica a não tivessem levado á scena, talvez Portugal não contasse hoje um auctor dramatico que lhe faz honra...

E essa peça não recebida, excluida já por uma empreza e por uma censura dramatica, veiu a ser consagrada pelo juiz supremo: o publico!

Outro caso não menos curioso, tambem da carreira d'este auctor: *Os Peraltas e Secias* subiram á scena entre essa terrivel atmosphera do *não presta*, que proverbialmente, por artes de berliques e berloques, envolve o apparecimento dos originaes no theatro, atmosphera que se não observa, quando se espera novidade estrangeira. O publico, o tal publico de que se faz tudo o que se quer, por que só com o tempo e a reflexão pode reconhecer o bem ou o mal que lhe querem fazer pensar, recebeu a interessante comedia com indifferença.

Houve então um critico esclarecido que nas *Novidades*, fez a esta peça a devida justiça, contra a sentença do *não presta*, que já se queria dar como visada pelo publico. *Os Peraltas e Secias* foram no Porto. Os da cidade Invicta, mais vibrateis em sentimentos nacionaes festejaram-n'os, e a peça novamente representada em Lisboa, encetou verdadeiramente a brilhante carreira que sabemos.

E o publico, o pobre publico lisbonense, não esteve a ponto de carregar com a responsabilidade da sua condemnação?

* * *

Se houvesse verdadeira dedicação pelas obras nacionaes, desde que uma peça original fosse admittida, devia-se ir até *ás ultimas*, em dedicação de estudo, insistencia por a conservar em scena e escrupulo em a rodear de boa atmosphera, para a fazer vingar.

A primeira coisa que se deveria fazer, era não estar julgando peças portuguezas pelo prisma das estrangeiras. Se estas são excellentes, *quod erat demonstrandum*, na maioria dos casos, que lhes preste — A primeira e mais elevada condição d'uma peça portugueza, é ser portugueza.

Ora, a technica dramatica não é absolutamente independente das condições do meio e das personagens que se põe em scena. E portanto é erro, estar imbuido do *maravilhoso* estrangeiro, e condemnar a obra nacional por que se lhe não encontra esse maravilhoso.

A peça do illustre dramaturgo, o sr. Lopes de Mendonça, *O Amor Louco*, é d'aquellas que tinha em si *qualidades nacionaes*, permitta-se-me a expressão, para acabar de conquistar o publico, se mesmo contra as suas primeiras impressões se tivesse insistido em a dar.

O Viriato Tragico, de Julio Dantas, teria certamente vingado, como bem o merecia, se o mesmo processo, com qualquer especial condimento que o caso requeresse, tivesse merecido a mesma insistencia para com o publico.

E como estas, tantas outras. E depois diz-se, que é o publico que não quer originaes! Pobre publico! O que vemos nós com a peça traduzida, e mal recebida pela platea? Insiste-se n'ella. Mascara-se-lhe o desastre, volta insistentemnte ao cartaz, e lá se lhe arranja uma carreira, *tant bièn que mal...*

* * *

No caminho em que vae a nossa litteratura dramatica, não ha estudo, não ha boa vontade, não ha persistencia, que resista ás mil contrariedades e difficuldades que encontram os que pretendem escrever para o theatro.

Quizera que se puzesse quanto possivel de parte a questão de interesses materiaes, para pensarem só, os que escrevem, os que representam e os que montam peças, em manter e elevar essa manifestação, da cultura nacional, o theatro, que é uma das mais bellas affirmativas da nacionalidade.

Creio que viriamos a ter, como todos os paizes, escriptores, theatro e publico *de casa*.

Os portuguezes são homens como os estrangeiros, e quando em todas as artes contamos artistas laureados lá fóra, chega a ser *cretinismo* esta preoccupação, de que não pudemos ter theatro nosso, insistindo em barafustar desde o *boulevard* parisiense até ás *geleiras do norte*, á cata de peças novas e excentricas, sobre vidas faceis de mais, ou sobre transcendentes problemos demasiado difficeis, para o nosso publico, publico que precisa, mais do que tudo, ser educado, com o que de bom se lhe possa ensinar de casa.

Creio bem que muito do que tenho escripto, e do que ainda escrever sobre o assumpto, vasto e complexo, não agradará a muitos d'aquelles a quem interessa.

Pacienccia.

Estou convencido de que a causa é justa. Isso me basta.

L. d'A.

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

(Continuado do n.º 881)

XI

Particularidades que distinguem os ciganos

Já nos referimos á castidade da mulher cigana. Desde as margens do Indo até aos campos de Gibraltar foi sempre essa uma das particularidades distinctivas de tão estranha raça.

A mulher cigana livre nos seus gestos; desbragada nas suas palavras; escolhendo para os seus cantares versos mais que licenciosos, é d'uma castidade inquebrantavel, pura e sincera nas suas afeições.

A mãe ensina-a desde creança a guardar a castidade corporal, e em nenhum lupanar da Europa se encontra uma mulher cigana.

Na mesma India, onde as castas privilegiadas vendem as primicias das filhas, o paria cigano conserva incolume a virgindade das suas. E essa particularidade, foi um dos incentivos poderosos da cigana para captivar sympathias durante todo o tempo que persistiu a sua perseguição na Europa

Demais a cigana tem a recommendal-a a regularidade das suas feições, a gentileza das suas formas, o talhe airoso e esbelto e certa graciosidade natural; mas ainda superior a tudo isto um olhar de tão vivida expressão, que muitos lhe attribuem o estranho poder de accender paixões violentas.

Os olhos do cigano possuem tal particularidade que o torna conhecido qualquer que seja o disfarce que adopte. Debaixo do trajo mais cerimonioso, como bebaixo do farrapo mais humilde, reconhece se de prompto a singular e brilhante penetração do olhar do cigano.

É facil distinguir os olhos pequenos do judeu, os olhos oblongos do chim, mas os olhos dos ciganos, regulares e bem lançados como os das outras raças, só são reconhecidos por essa expressão brilhante e fascinadora, sobretudo nas mulheres ciganas.

P. Merimé refere-se ao typo physico dos ciganos nos seguintes termos:

«A audacia e a timidez pintam-se n'elle simultaneamente, e sob esse ponto de vista os olhos revelam perfeitamente o caracter da nação: astucia, ousadia, mas temendo naturalmente as pancadas como Panurgio.

«Na maior parte os homens são bem lançados, muito esbeltos e ageis; não creio que jámais se tenha visto um só carregado de gordura.

«Na Allemanha as ciganas são muitas vezes lindissimas; mas a belleza é rara entre as ciganas de Hespanha.

«Em novas podem passar por feiarronas agradaveis.

«A sordidez dos dois sexos é incrivel, e quem não viu os cabellos d'uma matrona bohemia, difficilmente fará uma idéa d'isso, mesmo imaginando as crinas mais rudes, mais gordurosas, mais cheias de pó.

«Em algumas grandes cidades de Andaluzia, certas raparigas um pouco mais agradaveis do que as outras, tomam maior cuidado com a sua pessoa.

«Essas vão dansar por dinheiro umas dansas que se assimelham muito ás que são prohibidas nos nossos bailes publicos do carnaval.

Mrs. Borrow, missionario inglez, auctor de duas obras muito interessantes sobre os Bohemios de Hespanha, que elle emprehendera converter, á custa da sociedade Biblica, assegura que não ha exemplo de que uma *gitana* tenha tido qualquer fraqueza por um homem estranho á sua raça.»

. . . .

Foi devido decerto ao incentivo da volubulidade da mulher cigana, ao desbragamento das suas palavras, á licencia das suas dansas e canções, e a par d'isto á repulsão mais obstinada em prostituir-se, não duvidando servir-se do punhal para conter as *impaciencias do busnó* (estranho), que os enamorados filhos dos corregedores e dos nobres, que frequentavam a companhia das ciganas em seus asylos, favoreceram aquella raça proscripta, auxiliados por suas mães e irmãs, a quem a cigana havia certamente perdicto venturas sem conto.

Mas não era só isto.

A cigana alem de filtros de amor vendia, e quem sabe se ainda vende, certos medicamentos secretos, indispensaveis para apagar o vestigio de culpas que seriam a vergonha e o opprobio para muitas familias.

P. Merimé affirma que ellas não só teem patas de sapo pata fixar corações voluveis, ou pó de pedra de iman para fazer amar os insensiveis, mas tambem fazem quando é preciso esconjuros poderosos que obrigam o diabo a prestar-lhes o seu auxilio. (sic)

. . . .

Vão cada dia sendo menos frequentes as antigas praticas dos ciganos.

Já não frequentam como outr'ora os mercados e feiras com o fim de mostrarem a sua especial habilidade de prestimanos, fazendo desapparecer as moedas de prata ou de cobre que os ingenuos espectadores tinham a franqueza de lhes emprestar para as sortes que se propunham realisar.

Jeronymo de Alcalá refere na sua novéla, *Historia de Alonso criado de muitos amos*, escripta no primeiro periodo do seculo XVII, certas arteirices de que se serviam os ciganos para se apoderarem de dinheiro e objectos de valor, e a que entre elles se dá o nome de *jonjanó baró*, nas quaes caíam, e caem com a maior facilidade, certas viuvas ricas e avaras, as quaes por suggestões das ciganas iam levar ao sitio que lhes era indicado por ellas, as suas melhores joias, com a mira de que por aquella forma attrahiriam ali um thesouro occulto durante longos annos.

Inutil será accrescentar que o thesouro não apparecia, e as ciganas guardavam para si as joias de que a lograda se despojára.

O sr. Adolpho Coelho relata no seu livro alguns casos d'estes, mais ou menos parecidos uns com os outros, d'onde se conclue que as ciganas não precisavam d'um grande espirito inventivo para enganar os papalvos com estes golpes de mão.

(Continua) *Julio Rocha.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

As horas matutinas seguindo-se a semelhantes noites eram para elle das mais tristes. Accudia-lhe á mente a ideia da morte, e, pensamento para si, infinitamente mais triste, que, com elle, morria para sempre essa familia, outr'ora de tanta nomeada. Nunca mais tornou a saber novas do seu unico filho, desde que veiu a terminar a sublevação; quantas e quantas lagrimas não verteu, supponde-o succumbido, captivo, infermo. A unica filha que tinha residia em casa de uma sua cunhada, irmã de sua defunta esposa, viuva de um coronel, vivendo da pensão respectiva, a qual, dois annos havia, por occasião de uma visita levára comsigo a joven, afim de ver mundo e aprender a falar. A demora desta em Vienna devia ser de uns mêses, apenas, e todavia, quando rebentou a revolução, recearam deixá-la regressar para casa; e, desde então, não tornou a saber della Elle escrevia a este, áquelle, já ao filho, já á filha, ou á cunhada, mandava duas vezes por semana ao correio, mas, tempo perdido. O Estevam voltava sempre para casa com as mãos a abanar, trazendo a seu amo a decepção e a ouvir em paga da estafa a sua descompostura, mas de bom grado haveria dado ao empregado do correio a sua soldada de um anno, se porventura, este, condoido, sacasse do montão uma carta e lha atirasse.

Em taes conjuncturas levavam todo o dia a falar nos filhos, tudo eram louvôres e saudades dos «pequenitos», do Gêsa, da Elsbethzinha, que naturalmente estavam já muito crescidos, um com dezanove e outra com quinze, mas a quem amo e criado insistiam em chamar meninos.

O servo fiel afizera-se, em tempos, a designa-los deste modo, quando os trazia ao colo a ambos, o pae, comtudo, era assim que os tratava, nas suas expansões de ternura, e agora achava-se sob a perenne influencia do incanto de taes momentos. O pequenino Gêsa, em circumstancias diversas, chegaria sem duvida a ser gran-palatino, — incarecia o pae. O Estevam, esse, sempre esperava que o rapaz viesse a alcançar a general, e durante a doença do amo, vira o Gêsa fardado de tenente, e já com fama de ser o melhor calção do regimento

A Elsbethzinha fizera-se a mais linda rapariga em toda a comarca de Kokelburgo, e tanto assim que a despozára um barão. E opinava o Estevam que por toda a Transylvania não se incontrava outra que se lhe comparasse, e, quanto a elle, não havia conde que a merecesse; tivera ensejo de ver, quando reuniu a ultima Congregação do condado, os olhos que deitava o filho do Grão-Palatino áquella rapariguita de quatorze annos, «e não saberá elle o que sejam raparigas, elle que entre os cavaleiros de Klausenburgo occupa o primeiro logar!»

Podem dar volta ao mundo que rapaz e rapariga, não incontram melhor, repetiam sem cessar os dois, arrancando um suspiro do fundo d'alma. E assim iam inganando as saudades com aquelles colloquios; o amo, olvidando que o criado lhe não trouxéra carta, e o criado contente por ver tranquillo o amo, e fazendo quanto podia para o consolar. E, por vezes, conseguia o fim. Em sua singelêza, falava com tal intimativa, afirmava, amiude, com tão firme convicção, que Deus não havia de desamparar a quem assim confiava em sua divina bondade, e tudo faria pelo melhor, quando menos se esperava, que Radnothy escutava-o, reverente, como quem escuta a prédica de um sacerdote.

Principiava a alentá-lo a esperança, batia palmadas no hombro do seu huzar, e, compungido: «Possa Deus escutar as tuas palavras, e enviarnos ainda dias mais felizes. E veiu um dia feliz, effectivamente. Certa manhã, eis que enfia por ali dentro o Estêvam exultando de alegria, voltava do correio e trazia duas cartas. Radnothy nem se atrevia sequer a abri-las, mirou-as e remirou-as demoradamente, e a despeito da muita anciedade e da esperança, notou que no sobrescripto nem o tratavam de Palatino, nem lhe davam o minimo titulo de nobrêza. Eram as primeiras cartas recebidas no prazo de dois annos; elle, que, noutros tempos, recebia três, por dia, sobrescriptadas, com as devidas formulas! Rompia invariavelmente o sello com a faca de papel e escrevia no sobrescripto: recebida a tantos de tal. Uma das missivas éra da viuva do coronél, e vinha redigida em um mistiforio de hungaro e de alemão, do qual pôde todavia colhêr que não ia correio para a Transylvania, havia um anno; que a viuva estivera sem saber para onde dirigir as suas cartas, as do cunhado, dez ao todo só agora lhe tinham vindo á mão, e todas com o indereço errado, havendo, nessa conformidade, andado de Herodes para Pilatos; cumpungia-a, em extremo, a morte da cunhada e tanto mais que esta haveria, infalivelmente, sido assas mal tratada, e quem sabe, até, se erradamente, visto como em toda a Transylvania não se incontrava um facultativo que prestasse; que lá para o verão tencionava dar ali uma chegáda, demorando se por toda a estação. Incluso vinha tambem um bilhetinho da Elsbeth, rezando o seguinte:

«Querido Papá!

Causou-me fundo desgosto a morte da mamã; e muito nos lembramos do Papá; veja se manda algum dinheiro, tive que mandar fazer varios vestidos de baile, e neste momento estou a precisar de vestir-me para a primavera. Para a outra vez serei mais extensa, agora não tenho tempo, vou para uma *soirée dansante*, onde vae tambem o capitão Kahlenberger, um sugeito muitissimo divertido.

Aceite um beijo da sua

Betty.

A outra carta vinha de Milão, e segundo parecia, fôra escrita por um amigo de seu filho, collega deste no regimento. O conteúdo, passado breve preambulo, resumia-se a participar que Gesa estava infermo, desde largo tempo, e como tal impossibilitado de escrever; que, graças a Deus, se achava já livre de perigo, e que, attendendo a varias considerações obvias, não seria inopportuno enviar-lhe algum dinheiro.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

NECROLOGIA

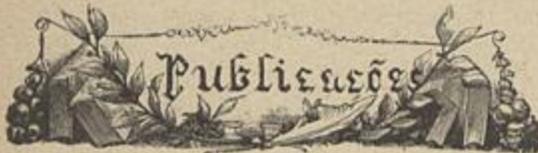
JOAQUIM JOSÉ BORBALLO

Falleceu no dia 18 de dezembro do anno findo. Victimou-o uma cachexia aos 87 annos de edade.

Era filho do professor José Joaquim Bordallo e proprietario da antiga livraria da rua da Victoria, 42, 1.º hoje propriedade de seu filho e nosso amigo Arnaldo Armando Bordallo que ha muito a administrava com superior criterio

Joaquim José Bordallo era irmão dos fallecidos escriptores Luiz Maria Bordallo e Francisco Maria Bordallo, serviu no 1.º batalhão do commercio, sendo demittido a seu pedido do posto de tenente do regimento de artilharia da Carta por decreto de 21 de janeiro de 1855, ordem do exercito de 7 e 31 do mesmo mez e anno.

Era um trabalhador honrado, e esse é o maior brazão que podia legar ao filho e á familia a quem endereçamos o nosso sentido pezame.

PRINCEZA DE SAXE
LOUISE ANTOINETTE MARIE

Recebemos e agradecemos:

Excesso de podridão *por D Francisco de Noronha — A Sua Magestade El-rei o Sr. D. Carlos I — Lisboa, 1902.*

«Quando a historia fosse inutil aos outros homens, seria preciso dal-a a lêr aos principes; não ha melhor meio de lhes descobrir o que podem as paixões e os interesses, os tempos e as conjuncturas, os bons e os maus conselhos.»

Seguindo estas luminosas reflexões do immortal principe da igreja, que tanto illustrou a philosophia da historia nos dias do reinado de Luiz XIV, o admiravel Bossuet, agrupou no presente folheto o nosso presado collaborador sr, D. Francisco de Noronha os seus artigos publicados no jornal *O Tempo*, acerca da decadencia moral e da merecancia politica, addusindo as suas observações de individuos e analyse de factos, dirigindo-se a S. M. El Rei o senhor D. Carlos.

Artigos escriptos com vehemencia mas sem rancor, ao fim d'elles declara o sr. D Francisco de Noronha que lhe não moveu a penna odio pessoal a ninguem, mas que obedeceu «ao impulso espontaneo da sua consciencia revoltada contra tão flagrantes dispauterios governativos, contra tanta indifferença e incomprehensão manifestadas entre as massas populares, contra, permitta-se-me a franqueza sincera e leal, contra o bondosissimo coração do chefe do Estado que confia de mais, que talvez se engana muito.»

Termina o folheto por uma nota, assaz edificante e em linguagem virulenta, acerca d'umas injustiças commettidas para com o auctor pelas instancias officiaes.

O GIGANTE

A ultima palavra em gramofone

Por amavel convite do sr. Santos Diniz, proprietario da casa Favorita com exclusivo de venda em Portugal do «Gigante» a ultima palavra em gramofone, tivemos occasião de poder ouvir e apreciar a excellencia, perfeição e nitidez d'este instrumento.

Tanto em banda como em solo, de instrumentos, recitação, canto etç., é o que temos ouvido de melhor e por isso não temos duvida alguma de recommendarmos aos nossos leitores a acquisição de tão apreciavel quanto nitido e bello instrumento. Recreia, deleita e distrahe e por todos os motivos, se torna quasi indispensavel aos *dilettantis* e em todas as casas de bom tom este extraordinario aparelho.

A marca está registada e o unico representante em Portugal é o sr. Santos Diniz proprietario da Casa Favorita da P. dos Restauradores.

JOAQUIM JOSÉ BORDALLO
FALLECIDO EM 18 DE DEZEMBRO DE 1902